



## **SAÚDE MENTAL DE MÃES ATÍPICAS EM CONTEXTOS RURAIS: DESAFIOS DO CUIDADO**

Clarisse Sales de Meneses<sup>1</sup>

Iara Fábila Marques de Sousa<sup>1</sup>

Marcos Daniel Lima Vaz<sup>1</sup>

Ágatha Aila Amábili de Meneses Gomes<sup>2</sup>

Kátia de Brito Silva e Freire<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo analisar a saúde mental e os desafios vivenciados por mães atípicas que moram em contextos rurais no interior do estado do Piauí. Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, realizada no município de Brasileira, Piauí, por meio de entrevistas semiestruturadas com mães selecionadas por amostragem intencional. Os relatos evidenciaram ansiedade, estresse, exaustão, preocupação constante com a saúde dos filhos, sentimento de solidão e percepção de insuficiência das redes de apoio. Os achados indicam que a sobrecarga não está relacionada somente à quantidade de tarefas, mas também à centralização das responsabilidades do cuidado, à dificuldade de compartilhar o sofrimento e às limitações de acesso a serviços. A análise dos achados aponta para uma necessidade de compreensão ampliada da saúde mental materna, articulando fatores individuais, familiares e sociais. Conclui-se que a atenção às crianças atípicas deve ser acompanhada de estratégias de cuidado voltadas às mães, com fortalecimento das redes de apoio, compartilhamento das responsabilidades e ampliação do acesso aos serviços.

**Palavras-chave:** Maternidade atípica. Saúde mental. Contexto rural.

### **1 INTRODUÇÃO**

A maternidade é um fenômeno complexo que envolve uma diversidade de mudanças biológicas, identitárias, afetivas e culturais. No caso específico da maternidade atípica, que é vivenciada por mães de crianças que possuem alguma condição que fogem ao desenvolvimento típico, esse processo torna-se ainda mais intenso. A mulher precisa constantemente ressignificar as suas experiências e funções maternas (Borges *et al.*, 2025).

<sup>1</sup> Graduando(a) em Psicologia – Centro Universitário Chrisfapi (Unichrisfapi).

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia – Docente do Centro Universitário Chrisfapi (Unichrisfapi).



**XVII Semana  
Científica do  
UniChrisfapi**

RESILÊNCIA E SAÚDE MENTAL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL



**Unichrisfapi**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISFAPI

Nesse sentido, a maternidade atípica constitui uma experiência marcada por demandas emocionais, físicas e sociais que podem repercutir diretamente na saúde mental das mães. Destaca-se que, quando essa experiência ocorre em contextos rurais, os desafios relacionados ao cuidado podem ser intensificados pelas dificuldades de acesso aos serviços especializados, pela distância dos centros urbanos e pela insuficiência das redes de apoio (Oliveira, 2020). Além disso, essas mães vivenciam diversos desafios no Sistema Único de Saúde (SUS), como invisibilidade institucional, fragmentação dos serviços, falta de apoio psicológico e despreparo dos profissionais para lidar com as demandas específicas desse público (Melo *et al.*, 2025). Nesse cenário, as mães podem assumir de forma centralizada as responsabilidades relacionadas ao cuidado, acompanhamento e desenvolvimento dos filhos, aumentando as situações de sobrecarga e sofrimento emocional (Oliveira, 2020).

Diante dessa realidade, a rotina dessas mulheres comumente envolve a necessidade de conciliar as demandas cotidianas com cuidados que exigem disponibilidade constante. A dificuldade de compartilhar responsabilidades e a limitação de recursos de apoio podem contribuir para experiências de ansiedade, estresse, exaustão e sentimento de desamparo. Além disso, a necessidade de deslocamento para outros municípios em busca de terapias e atendimentos especializados constitui um desafio adicional para famílias que vivem em áreas rurais, nas quais o acesso à saúde mental e a profissionais capacitados pode ser limitado (Rodrigues; Silva, 2018).

A ausência ou insuficiência de redes de apoio também assume importância nesse contexto, uma vez que o suporte familiar, social e institucional pode contribuir para o enfrentamento das demandas relacionadas à maternidade atípica. Quando esse suporte é limitado, a mãe pode permanecer mais exposta aos impactos emocionais e físicos decorrentes da continuidade e intensidade do cuidado. Nesse sentido, o apoio comunitário é relevante, mas não substitui a necessidade de políticas e serviços capazes de assegurar acompanhamento e cuidado às mulheres (Baptista, 2019).



Diante disso, torna-se relevante investigar a saúde mental das mães atípicas que vivem em contextos rurais. Almeja-se compreender as particularidades advindas das condições familiares, sociais e territoriais nas quais o cuidado acontece, bem como contribuir para uma discussão de uma abordagem ampliada que supere o viés individualista e urbano-centrado.

## **2 OBJETIVO**

Analisar a saúde mental e os desafios vivenciados por mães atípicas que moram em contextos rurais no interior do estado do Piauí.

## **3 MÉTODO**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e de campo, realizada com 10 mães atípicas que moram em contextos rurais. O cenário geográfico delimitado para a realização da pesquisa foi o município de Brasileira, situado no Estado do Piauí. A escolha dessa localidade pauta-se na sua adequação aos parâmetros que definem um território rural, de acordo com as diretrizes da política dos “Territórios da Cidadania” estabelecidas pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (2008). Por essa normativa, são considerados rurais os municípios que possuem população total de até 50 mil habitantes e densidade demográfica inferior a 80 habitantes por quilômetro quadrado (hab/km<sup>2</sup>).

A amostragem foi intencional e incluiu 7 mulheres com filhos atípicos, que autodeclararam residência fixa no município. A seleção das participantes foi feita mediante autorização prévia da Secretaria Municipal de Saúde, seguida do estabelecimento de uma parceria colaborativa com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS). A partir das indicações dos ACS, o contato formal com os potenciais participantes ocorreu via chamadas telefônicas ou mensagens pelo aplicativo WhatsApp, momento em que os pesquisadores apresentaram os objetivos da pesquisa, esclareceram dúvidas e fizeram o convite voluntário.

Aceito o convite, agendou-se o momento da coleta, a qual foi realizada por meio da aplicação de um questionário sociodemográfico e entrevistas individuais semiestruturadas. As entrevistas aconteceram na própria casa das participantes,



mediante agendamento prévio, e abordaram temas como o cotidiano do cuidado, os sentimentos relacionados à maternidade atípica, bem como os desafios e estratégias desenvolvidas no seu cotidiano para superar esses desafios.

Por fim, a pesquisa contou com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por meio do CAAE nº 89777425.0.0000.5613, em conformidade com as Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As falas das participantes apontam para a presença de sinais e sintomas relacionados à ansiedade, estresse e exaustão associados à intensidade e à continuidade das responsabilidades relacionadas ao cuidado com o filho: “*Eu tenho ansiedade*” (E7), “*Tô tendo muita ansiedade, muita crise, não falo pra ninguém...*” (E3). As falas evidenciam o sofrimento emocional vivido por essas mães, marcado por manifestações de ansiedade, estresse e sobrecarga. Rydzewska et al. (2021) apontam que mães de pessoas com deficiência intelectual podem apresentar maior vulnerabilidade ao sofrimento psicológico, incluindo ansiedade e estresse parental, diante das demandas contínuas relacionadas ao cuidado. Masefield et al. (2020) também destacam que as demandas associadas ao cuidado de crianças com deficiências do desenvolvimento podem repercutir negativamente na saúde materna. Nesse contexto, a dificuldade de compartilhar as demandas e acessar redes de apoio pode intensificar a percepção de sobrecarga e vulnerabilidade emocional.

A maternidade atípica constitui uma experiência atravessada por demandas emocionais, físicas e sociais que podem repercutir na saúde mental das mães. A necessidade de cuidados contínuos, o acompanhamento de diferentes profissionais, as incertezas relacionadas ao desenvolvimento da criança e a reorganização da rotina familiar podem produzir situações prolongadas de tensão e sobrecarga. Nessa perspectiva, o sofrimento materno não deve ser compreendido exclusivamente como uma dificuldade individual, mas como resultado da interação entre as demandas do cuidado e os recursos disponíveis para enfrentá-las. Para Lazarus e Folkman (1984), o estresse está relacionado à avaliação que o indivíduo realiza acerca das



**XVII Semana  
Científica do  
Unichrisfapi**

RESILÊNCIA E SAÚDE MENTAL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL



**Unichrisfapi**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISFAPI

demandas vivenciadas e dos recursos disponíveis para enfrentá-las, sendo importante considerar tanto as condições objetivas quanto a forma como essas situações são subjetivamente percebidas.

Ainda na perspectiva dos autores supracitados, a avaliação das demandas e dos recursos disponíveis influencia a forma como o indivíduo responde às situações estressoras. Assim, quando as exigências do cuidado são percebidas como permanentes e os recursos de enfrentamento são considerados insuficientes, a experiência pode assumir um caráter particularmente desgastante. No contexto da maternidade atípica, essa dinâmica pode ser intensificada pela necessidade de atenção frequente à criança e pela responsabilidade de responder a demandas que exigem reorganização constante da rotina familiar.

Essa responsabilização também pode ser analisada a partir da compreensão de gênero e da divisão social do trabalho de cuidado. Hirata e Kergoat (2007) discutem como a divisão sexual do trabalho estabelece uma distribuição desigual das responsabilidades entre homens e mulheres, atribuindo historicamente às mulheres maior participação nas atividades relacionadas ao cuidado e à reprodução da vida. No contexto da maternidade atípica, essa desigualdade pode adquirir maior intensidade quando as necessidades específicas da criança demandam acompanhamento frequente, fazendo com que a mulher reorganize outras dimensões de sua vida para atender às necessidades do filho.

A sobrecarga decorrente dessa realidade aparece de maneira contundente na fala de E5: *“É muito estresse para uma pessoa só carregar... a saúde mental adoece, a física adoece”*. A expressão *“uma pessoa só carregar”* evidencia a percepção de concentração das responsabilidades e demonstra que o sofrimento não está relacionado apenas à quantidade de tarefas realizadas, mas também à ausência de compartilhamento do cuidado. Ao relacionar a sobrecarga às repercussões sobre sua saúde, a participante expressa a percepção de que as demandas do cuidado ultrapassam a dimensão prática e alcançam também seu bem-estar emocional e físico.



**XVII Semana  
Científica do  
UniChrisfapi**

RESILÊNCIA E SAÚDE MENTAL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL



**Unichrisfapi**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISFAPI

A partir dessa perspectiva, a sobrecarga materna pode ser compreendida como uma experiência que envolve não apenas o volume de atividades, mas também a concentração das responsabilidades em uma única pessoa. Quando a mãe permanece como principal responsável pelo acompanhamento, organização e atendimento das necessidades da criança, há menor possibilidade de distribuição das demandas de cuidado. Dantas et al. (2019) apontam que o cuidado de crianças com deficiência pode provocar mudanças na rotina familiar, limitar outras atividades e gerar sobrecarga, com repercussões na saúde e no bem-estar dos cuidadores. Essa dinâmica pode contribuir para a redução do tempo e do espaço destinados às próprias necessidades da mulher.

Boff (1999), ao discutir o conceito de cuidado, compreende-o como uma dimensão constitutiva das relações humanas, envolvendo atenção, responsabilidade e envolvimento com o outro. Embora o cuidado seja fundamental para a manutenção da vida e das relações, sua concentração excessiva em apenas um sujeito pode produzir um desequilíbrio entre o cuidado destinado ao outro e o cuidado de si. Essa perspectiva contribui para compreender os relatos das participantes, especialmente porque a dedicação às necessidades dos filhos aparece acompanhada da redução do espaço destinado às próprias necessidades.

Nesse contexto, o adiamento das necessidades maternas não deve ser interpretado simplesmente como uma escolha individual. Pode estar relacionado à própria organização do cuidado, na qual as demandas da criança assumem posição prioritária e a mãe permanece como principal responsável pela identificação e atendimento dessas necessidades. O cuidado de si tende, assim, a ser postergado diante das demandas consideradas mais urgentes relacionadas ao filho.

Outro aspecto importante identificado nas entrevistas foi o sentimento de desamparo e solidão diante das responsabilidades do cuidado. A participante E7 afirma: “*Não tem ninguém por ele*”. A declaração evidencia a percepção de ausência de pessoas disponíveis para compartilhar as responsabilidades relacionadas à criança, revelando uma experiência de cuidado marcada pela solidão. A rede de apoio, nesse sentido, não representa apenas um auxílio prático, mas também pode



constituir um recurso emocional, proporcionando acolhimento, segurança e possibilidade de compartilhamento das dificuldades.

Minuchin (1982), ao abordar a família a partir da perspectiva sistêmica, compreende-a como um sistema de relações no qual as mudanças e demandas enfrentadas por um de seus membros repercutem sobre os demais. Nessa perspectiva, a presença de uma criança que necessita de cuidados específicos implica reorganizações na dinâmica familiar, podendo exigir redistribuição de funções, papéis e responsabilidades. Quando essa reorganização não ocorre de maneira compartilhada, os membros que assumem a centralidade do cuidado podem experimentar maior sobrecarga.

A ausência de apoio identificada nos relatos pode, portanto, ser compreendida como um elemento associado à experiência de sobrecarga. Quando as responsabilidades permanecem concentradas na mãe, as possibilidades de divisão das tarefas tornam-se reduzidas, aumentando a necessidade de disponibilidade contínua para atender às demandas da criança. A fala de E7, “*Não tem ninguém por ele*”, evidencia justamente essa percepção de ausência de suporte no cotidiano do cuidado.

A participante E7 também afirma: “*Hoje eu num consigo...*”. Embora seja uma fala breve, ela expressa um momento de limite diante das exigências vivenciadas. A impossibilidade verbalizada pode ser compreendida como manifestação subjetiva de uma experiência de sobrecarga, na qual os recursos percebidos pela participante parecem insuficientes para responder às demandas presentes. Entretanto, é importante ressaltar que essa fala, isoladamente, não permite estabelecer diagnóstico de adoecimento, mas evidencia uma experiência de sofrimento e dificuldade relatada pela própria participante.

A preocupação constante com a saúde dos filhos constitui outro elemento relevante identificado nos relatos. E5 afirma: “*Viver um dia após o outro... a gente se preocupa a questão deles que sempre tá doente...*”. A fala demonstra que a experiência materna é marcada por incertezas e atenção contínua em relação à condição de saúde da criança. A expressão “*viver um dia após o outro*” sugere uma experiência centrada no enfrentamento das demandas imediatas, enquanto a



preocupação com os episódios de adoecimento mantém a mãe atenta às necessidades do filho.

Essa experiência pode ser compreendida a partir da teoria do apego de Bowlby (1973), segundo a qual os comportamentos de apego estão relacionados à busca e à manutenção da proximidade com figuras consideradas importantes, especialmente diante de situações de vulnerabilidade. No contexto da maternidade, a função de proteção pode adquirir particular importância quando a criança apresenta necessidades específicas de saúde ou desenvolvimento. Assim, a preocupação relatada pela participante pode ser compreendida dentro de uma relação de cuidado marcada pela atenção às necessidades e à segurança do filho.

A relação entre suporte social e saúde mental também merece destaque. Cohen e Wills (1985), a partir da hipótese do efeito protetor do suporte social, discutem a possibilidade de que o apoio social atue como um recurso diante de situações potencialmente estressoras, contribuindo para reduzir seus impactos sobre o bem-estar psicológico. No caso das mães de crianças atípicas, esse suporte pode assumir diferentes formas, incluindo auxílio nas atividades de cuidado, apoio emocional e compartilhamento das responsabilidades. Quando esses recursos são insuficientes, a mãe pode permanecer mais exposta às demandas relacionadas ao cuidado.

Nesse sentido, os relatos das participantes evidenciam que a ausência de apoio ultrapassa a dimensão prática. Ela também apresenta repercussões emocionais, uma vez que a mãe pode experimentar a sensação de estar sozinha diante de responsabilidades que exigem disponibilidade constante. A fala de E3 “*Tô tendo muita ansiedade, muita crise, não falo pra ninguém...*” pode ser compreendida nessa intersecção entre sofrimento emocional e dificuldade de compartilhamento, enquanto E7, ao afirmar “*Não tem ninguém por ele*”, evidencia a percepção de ausência de suporte no cuidado.

Diante desses achados, torna-se possível compreender a saúde mental das mães atípicas em questão como resultado de uma interação entre fatores individuais, relacionais e sociais. A ansiedade, o estresse, a exaustão, a preocupação constante e o sentimento de desamparo identificados nas falas das



entrevistadas não aparecem de maneira isolada, mas articulam-se à intensidade do cuidado, à centralização das responsabilidades, à insuficiência das redes de apoio e à necessidade de adaptação contínua à realidade da criança.

Portanto, os resultados indicam que o sofrimento vivenciado pelas mães não deve ser individualizado ou compreendido exclusivamente como consequência de características pessoais. Rydzewska et al. (2021) e Masefield et al. (2020) evidenciam que as demandas contínuas relacionadas ao cuidado de pessoas com deficiência ou deficiências do desenvolvimento podem repercutir na saúde mental e no bem-estar materno. Dantas et al. (2019) também contribuem para essa compreensão ao apontarem as repercussões do cuidado na rotina familiar e a presença de sobrecarga entre os cuidadores. A perspectiva de Lazarus e Folkman (1984) permite compreender a relação entre demandas e recursos de enfrentamento; a abordagem de Hirata e Kergoat (2007) contribui para problematizar a distribuição desigual do trabalho de cuidado; Minuchin (1982) possibilita compreender os impactos da reorganização familiar; Boff (1999) contribui para a reflexão sobre o equilíbrio entre o cuidado do outro e o cuidado de si; Bowlby (1973) permite compreender aspectos relacionados à proteção e ao vínculo; e Cohen e Wills (1985) evidenciam a importância do suporte social diante de situações estressoras.

Em conjunto, os achados permitem compreender a maternidade atípica vivida em um contexto rural como uma experiência que envolve não apenas os desafios relacionados às necessidades da criança, mas também aspectos familiares, relacionais e sociais que podem influenciar a experiência de sobrecarga materna. Os resultados evidenciam que a centralização das responsabilidades, a dificuldade de compartilhar o sofrimento e a percepção de insuficiência das redes de apoio constituem elementos relevantes para compreender as experiências emocionais apresentadas pelas participantes.

Dessa forma, evidencia-se a necessidade de que as práticas de cuidado destinadas às crianças atípicas sejam acompanhadas de estratégias voltadas também às mães. A atenção à saúde mental materna, o fortalecimento das redes de



apoio e o compartilhamento das responsabilidades do cuidado constituem aspectos importantes para o enfrentamento da sobrecarga. Reconhecer a mãe como sujeito de cuidado significa, portanto, superar uma perspectiva centrada exclusivamente na criança e considerar que o bem-estar infantil também está relacionado às condições emocionais, físicas e sociais daquelas que exercem cotidianamente o cuidado.

Desse modo, é urgente implementar políticas públicas específicas, protocolos de cuidado e formação profissional contínua, garantindo que o SUS atenda, de forma integral e sensível, às necessidades das mães atípicas e contribua para seu bem-estar físico, emocional e social (Melo et al., 2025).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os achados deste estudo evidenciam que a saúde mental das mães atípicas em contexto rural está relacionada a uma complexa interação entre fatores individuais, relacionais, familiares e sociais. Ansiedade, estresse, exaustão, preocupação constante e sentimento de desamparo aparecem associados à intensidade e à continuidade das responsabilidades do cuidado, à centralização das tarefas e à insuficiência de redes de apoio. Os relatos também indicam que o sofrimento pode permanecer silenciado, dificultando o compartilhamento das experiências e a busca por suporte.

A análise dos resultados permite compreender que a sobrecarga materna não deve ser individualizada nem reduzida às características pessoais das participantes. Os estudos de Rydzewska et al. (2021), Masefield et al. (2020) e Dantas et al. (2019) reforçam que as demandas contínuas de cuidado podem repercutir na saúde mental, no bem-estar e na organização da vida familiar. Nesse sentido, as perspectivas de Lazarus e Folkman (1984), Hirata e Kergoat (2007), Minuchin (1982), Boff (1999), Bowlby (1973) e Cohen e Wills (1985) contribuem, em conjunto, para compreender a relação entre demandas e recursos de enfrentamento, a distribuição das responsabilidades de cuidado, a reorganização familiar, a



necessidade de cuidado de si, os aspectos relacionados à proteção e ao vínculo e a importância do suporte social.

Dessa forma, evidencia-se a necessidade de que as práticas de cuidado destinadas às crianças atípicas sejam acompanhadas de estratégias voltadas também às mães. O fortalecimento das redes de apoio, o compartilhamento das responsabilidades, a ampliação do acesso aos serviços de saúde e assistência e a atenção à saúde mental materna constituem aspectos fundamentais para reduzir a sobrecarga e promover maior qualidade de vida. Reconhecer a mãe como sujeito de cuidado significa superar uma perspectiva centrada exclusivamente na criança e considerar que o bem-estar infantil também está relacionado às condições emocionais, físicas e sociais de quem exerce cotidianamente o cuidado.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Claudio Roberto. Política pública, educação especial e escolarização no Brasil. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 45, e217423, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201945217423>.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOWLBY, John. *Attachment and loss: separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books, 1973. v. 2.

COHEN, Sheldon; WILLS, Thomas A. Stress, social support, and the buffering hypothesis. *Psychological Bulletin*, Washington, DC, v. 98, n. 2, p. 310–357, 1985. DOI: <https://doi.org/10.1037/0033-2909.98.2.310>.

DANTAS, Kaliny Oliveira; NEVES, Robson da Fonseca; RIBEIRO, Kátia Suely Queiroz Silva; BRITO, Geraldo Eduardo Guedes de; BATISTA, Marcia do Carmelo. Repercussões do nascimento e do cuidado de crianças com deficiência múltipla na



família: uma metassíntese qualitativa. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 6, e00157918, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00157918>.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595–609, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>.

LAZARUS, Richard S.; FOLKMAN, Susan. *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer Publishing Company, 1984.

MASEFIELD, Sarah C.; PRADY, Stephanie L.; SHELDON, Trevor A.; SMALL, Neil; JARVIS, Stuart; PICKETT, Kate E. The caregiver health effects of caring for young children with developmental disabilities: a meta-analysis. *Maternal and Child Health Journal*, v. 24, n. 5, p. 561–574, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10995-020-02896-5>.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

RYDZEWSKA, Ewelina; DUNN, Kirsty; COOPER, S.-A.; KINNEAR, Deborah. Mental ill-health in mothers of people with intellectual disabilities compared with mothers of typically developing people: a systematic review and meta-analysis.

*Journal of Intellectual Disability Research*, v. 65, n. 6, p. 501–534, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/jir.12827>.